

VIDA E MORTE DE M. J. GONZAGA DE SÁ**LIMA BARRETO**

O título desta obra é enganador: pouco se vê da vida ou da morte de Manuel Joaquim Gonzaga de Sá. O que se vê são conversas entre o sexagenário Gonzaga de Sá e seu jovem amigo Augusto Machado (mulato, é um dos muitos alter-egos do autor), onde o que transpira é uma conversa do autor consigo próprio, denunciando sempre os absurdos: burocrata da Secretaria de Cultos, Gonzaga de Sá critica sempre a mania estúpida de aristocracia (logo ele, que descendente de Salvador de Sá) e a burocracia ineficiente, arcaica, mesquinha e inútil. Existem ainda mais umas pitadas dos temas eternos de Lima Barreto: uma crítica ao preconceito, ao governo, a sociedade; a tudo, enfim, que de podre afligia então e aflige hoje a humanidade. Existe ainda um conto relacionado: Três Gênios de Secretaria.

Narrado por Augusto Machado, o romance propõe a traçar um esboço de biografia de Gonzaga de Sá, amigo do narrador, que vai alternando o relato biográfico com suas próprias reflexões sobre a vida e os homens, com a denúncia das mazelas da vida brasileira, com a crônica mordente a sociedade carioca.

A comercialização da cultura; a linguagem descuidada dos jornais; os falsos intelectuais que só sabiam mostrar o radicalismo de suas convicções nas mesas dos cafés, macaqueando idéias e tiques da cultura francesa; A Abolição que sem realizar as esperanças dos negros, prolongou as agruras dos mestiços; a frustração da República a serviço da oligarquia, apoiada numa burocracia alienada, num militarismo estreito e numa imprensa impotente, quando não venal- eis o pano de fundo das reminiscências que o céptico e desencantado Augusto Machado vai traçando do amigo Gonzaga de Sá.

A oposição ao estilo oficial, ao purismo das gramáticas normativas, ao pedantismo, já se manifesta no cacófato ostensivo do título do romance- M.J.- ("emijota") e se desdobra na aguda percepção da fragilidade da vida literária de então. Observe esta reflexão de Gonzaga de Sá, falando pelo próprio Lima Barreto:

"A nossa emotividade literária só se interessa pelos populares do sertão , unicamente porque são pitorescos e talvez não se possa verificar a verdade de suas criações. No mais , é uma continuação do exame de português, uma retórica mais difícil, a se desenvolver por este tema sempre o mesmo: Dona Dulce, moça de Botafogo em Petrópolis, que se casa com o Dr.

Frederico. O comendador seu pai não quer porque o tal Dr. Frederico , apesar do doutor, não tem emprego. Dulce vai à superiora do colégio de irmãs. Esta escrevera mulher do ministro, antiga aluna do colégio, que arranja um emprego para o rapaz. Está acabada a história. É preciso não esquecer que Frederico é moço pobre, isto é, o pai tem dinheiro, fazenda, ou engenho, mas não pode dar uma mesada grande.

Está aí o grande drama de amor em nossas letras, e o tema de seu ciclo literário. Quando tu verás, na tua terra, um Dostoevski, uma George Eliot, um Tolstoi - gigantes destes em que a força de visão, o ilimitado de criação, não cedem o passo à simpatia pelos humildes, pelos humilhados, pela dor daquelas gentes donde às vezes não vieram- quando?"



Lima Barreto (1881 - 1922)

AFONSO HENRIQUES DE LIMA BARRETO nasceu a 13 de maio de 1881 no Rio de Janeiro. Filho de uma escrava com um português, cursou as primeiras letras em Niterói e depois transferiu-se para o Colégio Pedro II. Em 1897 ingressou no curso de engenharia da Escola Politécnica. Em 1902 abandonou o curso para assumir a chefia e o sustento da família, devido ao enlouquecimento do pai, e empregou-se como amanuense na

Secretaria da Guerra.

Apesar do emprego público e das várias colaborações no jornais da época lhe darem uma certa estabilidade financeira, Lima Barreto começou a entregar-se ao álcool e a ter profundas crises de depressão. Tudo isso causado pelo preconceito racial.

No ano de 1909 fez sua estréia como escritor com o lançamento da obra "Recordações do Escrivão Isaías Caminha" publicada em Portugal. Nessa época, dedicou-se à leitura dos grandes nomes da literatura mundial, dos escritores realistas europeus de seu tempo, tendo sido dos poucos escritores brasileiros a tomar conhecimento e a ler os romancistas russos.

Em 1910, fez parte do júri no julgamento dos participantes do episódio chamado "Primavera de sangue", condenando os militares no assassinato de um estudante, sendo por isso

preterido, daí para frente, nas promoções na Secretaria da Guerra. Em 1911 escreveu o romance "Triste fim de Policarpo Quaresma", publicado em folhetins no Jornal do Comércio.

Apesar do aparente sucesso literário, Lima Barreto não consegue afastar-se do álcool é internado por duas vezes entre os anos de 1914 e 1919. A partir de 1916 começou a militar a favor da plataforma anarquista. Em 1917 publicou um manifesto socialista, que exaltava a Revolução Russa. No ano seguinte, doente e muito fraco, foi aposentado do serviço público e em 1º de novembro de 1922 veio a falecer, vítima de um colapso cardíaco.

Lima Barreto é considerado um autor Pré-modernista por causa da forma com que encara os verdadeiros problemas do Brasil. Dessa forma, critica o nacionalismo ufanista surgido no final do séc. XIX e início do XX. Apesar de Lima Barreto não ter sido reconhecido, em seu tempo, como um grande escritor, é inegável que pelo menos o romance "Triste Fim de Policarpo Quaresma" figure entre as obras primas da nossa literatura.

Principais Obras

Romances

- Recordações do escrivão Isaías Caminha (1909);
- Triste fim de Policarpo Quaresma (1915);
- Numa e a ninfa (1915);
- Vida e morte de M. J. Gonzaga de Sá (1919);
- Clara dos Anjos (1948).

Sátira

- Os Bruzundangas (1923);
- Coisas do Reino do Jambom (1953).

Contos

- Histórias e sonhos (1920);
- Outras histórias e Contos argelinos (1952)